

A RECEPÇÃO DA BÍBLIA PELOS PENTECOSTAIS E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO¹²⁹

Everson de Oliveira Souza¹³⁰

RESUMO

A forma como os pentecostais fazem a abordagem dos textos bíblico firmou-se como uma leitura popular e leiga da Bíblia. A recepção dos textos bíblicos aplicados ao uso dos meios de comunicação culminou na legalidade para defender sua postura frente a esses. O artigo apresenta por meio da Estética da Recepção o modo como esse grupo, com ênfase na Assembleia de Deus, faz a leitura de alguns textos bíblicos referindo ao uso dos meios de comunicação. Após uma abordagem metodológica por meio de uma revisão bibliográfica, o artigo se manifesta dividido em três partes com dois tópicos cada uma. Na primeira parte, apresenta um exame da postura quanto ao uso dos meios de comunicação nas Assembleias de Deus. Na segunda parte, o foco recairá sobre uma análise dos estudos de recepção, também chamados de Estética da Recepção e, na terceira parte, a abordagem se firma em

¹²⁹ Nota dos editores: O autor analisa o desenvolvimento dos meios de comunicação e sua recepção pela Assembleia de Deus na história. Contudo, a partir do capítulo 3, ele discorre que a proibição dos meios de comunicação pelas AD's se deu por uma interpretação da Bíblia que "relativizava a educação intelectual e teológica do clero" com uso de textos bíblicos, na opinião da revista, não descreve uma realidade mais ampla. Afirma ainda o autor que a interpretação dos textos, realizada pelos pentecostais, acontece pela experiência, podendo ser alterada posteriormente, o que também não é a regra geral, tendo grande espaço à reflexão. Portanto, são opiniões do autor que não estão de acordo com a opinião da Declaração de Fé das Assembleias de Deus.

¹³⁰ Mestrando em Ciências das Religiões – Mestrado Profissional – pela Faculdade Unida de Vitória. Pós-graduado em Ciência da Religião pelo Instituto Superior de Educação Elvira Dayrell. Professor de história, graduado pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI).

analisar como esse grupo faz a recepção dos textos bíblicos relacionando ao uso dos meios de comunicação, exclusivo ao uso do aparelho de televisão.

PALAVRAS-CHAVE: Estética da Recepção, Pentecostais, Bíblia, Meios de comunicação.

ABSTRACT

The way in which the Pentecostals approach the biblical texts was established as a popular and lay reading of the Bible. The reception of the biblical texts applied to the use of the media culminated in the legality to defend their posture in front of them. The article presents by means of the Aesthetics of Reception the way in which this group, with emphasis in the Assembly of God, does the reading of some Biblical texts referring to the use of means of communication. After a methodological approach through a bibliographical review, the article manifests itself in three parts with two topics each. In the first part, it presents an examination of the posture regarding the use of the means of communication in the Assembly of God. In the second part, the focus will be on an analysis of the reception studies, also called reception aesthetics, and in the third part, the approach is based on analyzing how this group makes the reception of the biblical texts relating to the use of the media, exclusive use of the television set.

KEYWORDS: Aesthetics of Reception, Pentecostals, Bible, Means of Communication.

INTRODUÇÃO

A forma como os pentecostais faz a abordagem dos textos bíblico firmou-se como uma leitura popular e leiga da Bíblia. A recepção dos textos

bíblicos aplicados ao uso dos meios de comunicação culminou na legalidade para defender sua postura frente a esses. O artigo apresenta por meios da Estética da Recepção o modo como esse grupo, com ênfase na Assembleia de Deus, faz a leitura de alguns textos bíblicos referindo ao uso dos meios de comunicação. O artigo está dividido em três partes com dois tópicos cada uma. Na primeira parte, apresenta uma análise dos estudos de recepção, também chamados de Estética da Recepção, por meio dela é possível perceber como o pentecostal faz a leitura dos textos bíblicos. Na segunda parte, o foco recairá sobre os usos dos meios de comunicação na Assembleia de Deus trazendo uma compreensão da postura da entidade religiosa frente a essa questão e, na terceira parte, a abordagem se firma em analisar como esse grupo faz a recepção dos textos bíblicos relacionando ao uso dos meios de comunicação para enfim legalizar sua postura, estando restrita a pesquisa quanto ao uso do aparelho de televisão.

1. MEIOS DE COMUNICAÇÃO NA ASSEMBLEIA DE DEUS

Ao notar a recepção dos meios de comunicação na Assembleia de Deus, o objetivo aqui se norteia na análise do posicionamento desta instituição religiosa em relação ao uso dos meios de comunicação, se fundamentando em textos bíblicos. Desde sua origem no Brasil, no início do século XX, as Assembleias de Deus sempre se posicionaram claramente quanto ao uso dos meios de comunicação. Esse posicionamento mudou bastante no decorrer dos anos, mas sempre ficou bem clara sua maneira de pensar e de se comportar. Em 1917, as Assembleias de Deus já se preocupavam em utilizar o jornal como meio de publicação.

Lançado em novembro de 1917, em Belém do Pará, pelos pastores Almeida Sobrinho e João Triguiero (1ª história,

Conde, 1960:41), parece ter tido um único número. Na primeira página há uma matéria autojustificativa: “Voz da Verdade” (o título é um primor para o movimento nascente), é uma publicação gratuita, não visa contenda (mesmo com este título?), não está ligado a nenhuma associação e “não é propriedade de uma seita”. Diz-se, ainda, um “orgam devotado a propagar a Fé Apostólica” (estamos conservando a grafia original).¹³¹

Desde então, as Assembleias de Deus passaram a se utilizar constantemente desse meio de comunicação. Pela citação acima, entre os primeiros jornais, indiretamente ligados a ela, estaria o jornal Voz da Verdade, lançado pelos pastores Almeida Sobrinho e João Triguiero. Apesar de ter tido um único número, em 1919 surgiria o primeiro jornal com o objetivo de propagar as doutrinas centrais da Assembleia de Deus, e nos próximos anos outros jornais seriam criados, como relata Araújo:

A preocupação com a unidade se materializa no cuidado demonstrado quanto à fundação e manutenção de um veículo que propagasse as doutrinas centrais do segmento, e foi dentro desta perspectiva que surgiria em 1919 o jornal Boa Semente. O Boa Semente, primeiro jornal do segmento, reinaria absoluto até 1929, quando surgiu o Som Alegre, jornal de vida relativamente curta, pois duraria cerca de um ano, saindo de circulação juntamente com o Boa Semente. Os dois jornais deixariam

¹³¹ ALENCAR, Gedeon freire de. Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a DEUS. Assembleia de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946). Dissertação de Mestrado, Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo – SP. 2000, p. 68 - 69.

*de existir e dariam lugar a um periódico único, O Mensageiro da Paz.*¹³²

O Mensageiro da Paz ainda hoje é utilizado como meio de comunicação da instituição. Após a organização religiosa passar a usar o jornal como veículo de comunicação, nos anos seguintes preocupou-se com o posicionamento frente a outro meio de comunicação, o rádio. Na tarde de 12 de outubro de 1937, na cidade de São Paulo, revelou-se uma preocupação da CGADB em tratar da utilização do rádio. Abrindo o referido assunto, o missionário suíço Albert Widemer, pastor até então da Assembleia de Deus em Blumenau, começou seu discurso na CGADB questionando a licitude da igreja de pregar o evangelho pelo rádio. Os debates na Convenção reconheciam alguns benefícios do rádio, mas alertavam também para perigos. Concluiu-se que os fiéis poderiam aceitar convites para pregar, cantar e tocar em emissoras, mas não poderiam ter aparelhos de rádio em seus lares, como relembra Daniel:

Aberto que foi o assunto, vários irmãos falaram, mostrando como o rádio tem servido, já em diversas partes, como benção para transmitir as verdades de Deus, não obstante vermos também os perigos que o mesmo pode trazer no caso de os crentes se apegarem ao rádio, não querendo mais ir às igrejas e, mesmo que apenas adquirindo rádios, contaminando-se com as músicas mundanas e outras palestras prejudiciais que o mesmo pode trazer. O senhor nos ajudou nesse ponto, pois no

¹³² ARAÚJO, Arão Inocêncio Alves de. O mensageiro da paz: 1930-1990 uma história do sagrado. Revista Eletrônica – Cadernos da FAEL, Nova Iguaçu, RJ, v. 1, n. 1, p. 1 – 15, RJ, 2008, p. 2.

*finalizar, todos estavam de comum acordo de que devemos sempre aceitar os convites para cantar, tocar e pregar pelo rádio e aproveitar tais oportunidades quando trazidas por Deus. Mas quanto à questão de ter rádio, no momento atual, a Convenção achou que não devemos ter.*¹³³

Mesmo com essa proibição, em 1947 o missionário das Assembleias de Deus, o americano Lawrence Olson, iniciava em Lavras, Minas Gerais, o primeiro programa da comunidade pentecostal. Os anos seguintes serviriam para que as Assembleias de Deus avançassem na utilização desse meio de comunicação, criando um serviço de evangelização pelo rádio em vários estados, conforme relata Araújo:

O programa do pioneiro do radioevangelismo na igreja Assembleia de Deus Lawrence Oslon, ainda que sob forte oposição, foi ao ar em 1947, na Rádio Cultura de Lavras, em Minas Gerais. Em 1950, o pastor José Gomes Moreno, da cidade de Curitiba, deu início ao programa “Voz Evangélica das Assembleias de Deus”, pela Rádio Guairacá. Em janeiro de 1955, Lawrence Oslon lançou pela Rádio Tamoio o histórico programa “Voz das Assembleias de Deus”. Ainda no ano de 1955, o pastor Alcebiades Pereira de Vasconcelos propôs à igreja de São Luís no Maranhão a criação de um serviço de evangelização pelo rádio. Sendo aprovada a proposta, o

¹³³ Convenção Geral de 1937. In: DANIEL, Silas. Et al. História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil. Rio de Janeiro, CPAD, 2004. p. 129.

programa utilizou, num primeiro momento, os estúdios da Rádio Ribamar, transferindo-se, no ano de 1956, para a Rádio Timbira do Maranhão. Também do ano de 1955, foi ao ar o programa “O Som do Evangelho” na igreja de Belém do Pará. Com a transferência de Alcebiades Pereira de Vasconcelos, em 1960, da capital do Maranhão para a capital do estado do Pará, a igreja Assembleia de Deus da cidade Belém entraria numa nova fase do radioevangelismo, posto que toda a experiência de Vasconcelos nas rádios de São Luís serviu para reestruturação da radiofonia evangélica na capital paraense.¹³⁴

A inserção das igrejas Assembleias no rádio não aconteceu sem inúmeros debates das lideranças. Temia-se, no início, que a participação em programas controlados por sociedades evangélicas de um segmento tradicional fosse uma tentativa desses segmentos de controlar a condução da mensagem pentecostal. Gomes confirma essa fala ao relatar que “a Convenção também tinha sérias reservas quanto à associação da igreja a sociedades evangélicas de transmissão de rádio, uma vez que estas organizações eram encabeçadas por igrejas protestantes históricas, como a igreja Batista”.¹³⁵ Mesmo diante desses temores, as Assembleias de Deus continuaram expandindo seus programas de rádio. Com o passar dos anos, a restrição do uso do rádio pelos fiéis foi perdendo a força, e isso fica evidente

¹³⁴ FONSECA, André Dionei. “É lícito pregarmos o evangelho pelo rádio?”: Os debates sobre o radioevangelismo nas Convenções Gerais das Assembleias de Deus no Brasil. Universidade Federal da Grande Dourados, MS. 2009, p. 6.

¹³⁵ FONSECA, 2009, p. 5.

quando os membros da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil se reuniram em Santo André, estado de São Paulo, entre 20 e 24 de janeiro de 1975, e reafirmaram o ponto de vista da igreja quanto aos comportamentos e hábitos, não mais figurando o rádio entre as proibições de usos e costumes:

A Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, reunida na cidade de Santo André, Estado de São Paulo, reafirma o seu ponto de vista no tocante aos sadios princípios estabelecidos como doutrinas na Palavra de Deus – a Bíblia Sagrada – e conservados como costumes desde o início desta obra no Brasil. Imbuída sempre dos mais altos propósitos, ela, a Convenção Geral, deliberou pela votação unânime dos delegados das igrejas da mesma fé e ordem em nosso país, que as mesmas igrejas se abstenham do seguinte:

1. Uso de cabelos crescidos, pelos membros do sexo masculino;
2. Uso de traje masculino, por parte dos membros ou congregados, do sexo feminino;
3. Uso de pinturas nos olhos, unhas e outros órgãos da face;
4. Corte de cabelos, por parte das irmãs (membros ou congregados);
5. Sobrancelhas alteradas;
6. Uso de mini-saias e outras roupas contrárias ao bom testemunho da vida cristã;
7. Uso de aparelho de televisão – convindo abster-se, tendo em vista a má qualidade da maioria dos seus programas; abstenção essa que se justifica, inclusive, por conduzir a eventuais problemas de saúde;

8. Uso de bebidas alcoólicas.¹³⁶

Mesmo o rádio não sendo proibido, o seu uso pelos fiéis nessa resolução criaria uma polêmica quanto aos usos dos meios de comunicação pelas Assembleias de Deus, incrementada mais tarde pelo uso de outro meio de comunicação, a televisão, que entrou no centro das discussões e a princípio teve também seu uso proibido aos fiéis. Essa proibição duraria até 1999, quando o ELAD atualizou a resolução de Santo André, e a lista de proibição dos usos e costumes não continha mais o uso do aparelho de televisão, mas o mau uso dos meios de comunicação, eles a televisão. Essa lista de usos e costumes seria ratificada na 40ª Convenção Geral de 2011 como ainda válida, constando na lista seis itens.

1. Ter os homens cabelos crescidos (1 Co 11.14), bem como fazer cortes extravagantes;
2. As mulheres usarem roupas que são peculiares aos homens e vestimentas indecentes e indecorosas, ou sem modéstias (1 Tm 2.9, 10);
3. Uso exagerado de pintura e maquiagem - unhas, tatuagens e cabelos- (Lv 19.28; 2 Rs 9.30);
4. Uso de cabelos curtos em detrimento da recomendação bíblica (1 Co 11.6, 15);
5. Mau uso dos meios de comunicação: televisão, Internet, rádio, telefone (1 Co 6.12; Fp 4.8); e

¹³⁶ DANIEL, Silas. Et. al. História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil. Rio de Janeiro, CPAD, 2004, p. 438.

6. Uso de bebidas alcoólicas e embriagantes (Pv 20.1; 26.31; 1 Co 6.10; Ef. 5.18).¹³⁷

Na lista de proibições já não figura o aparelho de televisão. O fiel, no entanto, pode possuir um aparelho de televisão ficando proibido somente o seu mau uso, assim como da internet, do telefone, etc. Fica evidente que meios de comunicação recentes como a internet não passaram despercebidos pelos líderes das Assembleias de Deus, que trataram do seu emprego. O início da internet no país se deu no final dos anos de 1980 e seu uso estava restrito ao meio acadêmico e científico, popularizando-se a partir de maio de 1995.

A Internet no Brasil se desenvolveu junto ao meio acadêmico e científico no final dos anos 1980, e no seu início, o acesso era restrito a professores e funcionários de universidades e instituições de pesquisa. Somente em maio de 1995 a internet deixou de ser privilégio das universidades e da iniciativa privada para se tornar de acesso público.¹³⁸

O uso crescente desse meio de comunicação e seu poder na vida dos usuários, ao que parece, chamaram a atenção dos líderes das Assembleias de Deus, que em 1999 proibiram seu mau uso. Esse comportamento empregado pela mesma foi justificado e sedimentado pelos líderes por meio da recepção de alguns textos bíblicos, assunto que será tratado posteriormente, no

¹³⁷ COROBIM, Antonio Luiz. Uma análise dos usos e costumes adotados pela Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil – CGADB. 2008. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso [Bacharelado] – Faculdade de teologia, Faculdade Teológica Batista de São Paulo, São Paulo, 2008, p. 15.

¹³⁸ HISTÓRIA da internet no Brasil. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_Internet_no_Brasil> Acesso em: 12 jan. 2018.

momento analisaremos os fundamentos e instrumentos da Estética da Recepção.

2. OS FUNDAMENTOS E INSTRUMENTOS DA ESTÉTICA DE RECEPÇÃO

No ano de 1967, acontece a publicação e “A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária”, texto inaugural da Estética da Recepção, escrito por Hans Robert Jauss causou uma subversão epistemológica na historiografia literária. Meses antes o mesmo havia ministrado a conferência “O que é e com que fim se estuda história da literatura”, na Universidade de Constança, na Alemanha, enunciando pela primeira vez as sete teses da Estética da Recepção, posteriormente esse trabalho tornaria em um livro.

Essa teoria formulada por Jauss, provocou grande impacto nos meios acadêmicos dos estudos de literatura daquela época, indo contra as teorias que estabeleciam o primado absoluto do texto e que não dava valor ao papel do leitor na leitura da obra literária. Jauss não concordava em fechar uma determinada obra literária numa interpretação única e imutável. Assim a Estética da Recepção pode ser considerada como “um esforço interpretativo sobre a leitura e as relações estabelecidas entre texto, autor e leitor. As materialidades significativas são entendidas como um complexo que tem sentido a partir da relação dialética instaurada entre o autor, a obra e seus possíveis leitores”.¹³⁹

¹³⁹ FILHO, José Adriano. Estética da recepção e hermenêutica bíblica. In: NOGUEIRA, P. A. S. (Org.). Linguagens da religião: desafios, métodos e conceitos centrais. São Paulo: Paulinas, ANPTECRE, 2012, pp. 165-190, p.176.

A atividade interpretativa na Estética da Recepção se constitui por meio da interação entre a subjetividade do leitor e as circunstâncias sociais e históricas em que o determinado signo se originou. O texto então não é avaliado pela perspectiva do autor, mas sob a perspectiva do leitor. Ao contrário do que acontece diante de um texto literário, o leitor traz consigo o repertório das obras anteriormente lidas, dos valores e ideias que regem o sistema literário pela qual pertence, mas do seu contexto, que serão as molduras através das quais vai interpretá-lo, assim entende-se que, não se lê um livro da mesma forma em diferentes épocas.

Para Jauss, o escritor ao escrever uma obra, tem em sua mente o leitor, culminando em um sistema de comunicação entre o escritor e seu destinatário. O leitor na percepção da Estética da Recepção é um indivíduo histórico que pode acolher de maneira positiva ou negativa uma obra, pois ele é o responsável pela recepção. Não se trata de um leitor comum, mas de uma comunidade de leitores que comungam dos mesmos horizontes de uma dada época de uma comunidade específica.

A Estética da Recepção foi formulada por Jauss por meio de sete teses. Nas quatro primeiras teses, Jauss trata de anunciar os fundamentos em que sustenta a nossa historiografia literária. Nas três últimas ele mostra os princípios em que organiza a nova teoria, conforme citação abaixo.

Jauss (1994) apresentou sete teses que poderiam ser resumidas da seguinte forma: 1) a relação dialógica entre o leitor e o texto é fato primordial da história da literatura; 2) na experiência literária do leitor, a obra predetermina a recepção, que é, ao mesmo tempo, um fato social dentro dos horizontes de expectativas; 3) o valor de uma obra decorre da percepção estética que ela é capaz

de suscitar; 4) considerar a hermenêutica, as necessidades do público e a relação entre a literatura e a vida prática; 5) sobre o poder de ação de uma obra, que pode transpor o período em que apareceu, propõe realizar uma história dos efeitos; 6) o processo da “evolução literária” dos efeitos de uma obra destacada deve levar em conta seu momento formador e de rupturas ao longo do tempo; e, 7) a arte pode contrariar expectativas e levar o leitor a uma nova percepção de mundo, repercutindo, então, em seu comportamento social.¹⁴⁰

Na primeira tese, Jauss defende que, o leitor, à frente do autor e da obra, é figura central com base na Estética da Recepção e do efeito. A obra é atualizada pelo leitor, sofrendo variações de acordo com a época, assim ela pode ser atualizada em diferentes épocas sem excluir as anteriores, mas modificando-as. O leitor não é um agente passivo, mas um agente ativo, um leitor crítico. Em sua segunda tese, Jauss determina uma trajetória considerando escritor-obra-leitor no seguimento de experiência literária, assim a experiência do leitor, contribui para que, a obra predetermina a recepção.

Em sua terceira tese, Jauss argumenta que, o valor de uma obra está contido na capacidade de contrariar a expectativa do leitor, forçando este a mudar sua percepção estética. Uma obra de valor nesse conceito, oferece possibilidades de ampliar e modificar a expectativa do leitor socializado. Na quarta tese ele anuncia que, as obras literárias contem em si mesma todo o

¹⁴⁰ OLIVEIRA, David Mesquiat de. A leitura bíblica dos pentecostais e a noção performance. Rever-Revista de Estudo da Religião – PUC, SP, Ano 17, Nº, 02, mai/ago, p. 119 – 140, 2017, p. 121.

potencial de sentido, sendo revelado nas sucessivas recepções concernente ao horizonte de expectativas.

A quinta tese de Jauss anuncia que, uma série literária não está desagregada da experiência estética do leitor, o lugar da obra na série literária se estabelece na relação dialógica entre texto e leitor, não sendo fixo, mas estando na sujeição de novas recepções e molduras. Jauss afirma ainda que, o leitor encara toda a produção literária que lhe chega como simultânea, por mais que estas foram produzidas por um distanciamento de séculos.

A tese sexta de Jauss apresenta que, no posto de observação do leitor, uma obra por ter várias formas de recepções como, ser considerada uma obra atual ou ultrapassada, avançada ou atrasada, quando este relaciona ela com seu tempo. O processo de diacronia de uma obra leva em consideração seu sistema formador e de corte sincrônico ao longo do tempo.

Em sua última tese, a sétima, Jauss reflete o vínculo existente entre a literatura e a sociedade. Chocando com a teoria marxista ele entende que, a literatura exerce um papel transformador na vida do leitor, deixa explícito que, um efeito de uma obra pode ser levado em conta pelas modificações que essa obra exerce em determinado momento histórico sobre os leitores e sobre novas obras. O efeito transformador de uma literatura sobre os leitores, pode ser exemplificado com a utilização da Bíblia pelos pentecostais, especificamente quando estes fazem a recepção de alguns textos bíblicos culminando na mudança de postura. Analisaremos adiante a forma que, esse grupo religioso realiza a recepção de textos bíblicos e aplica como regras no uso dos meios de comunicações, ficando restrita essa análise ao uso do aparelho de televisão.

3. RECEPÇÃO DE TEXTOS BÍBLICOS APLICACADOS AO USO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Em conformidade com a Estética da Recepção quando afirma que, não se lê um livro da mesma forma em diferentes épocas, a leitura da Bíblia pelos pentecostais ao que se tem notado ratifica esse pensamento. Os pentecostais, em especial da igreja Assembleia de Deus se apoderam da Bíblia que é um livro antigo, escrito em lugares e culturas diferentes, e atualiza sua recepção para então legitimar sua postura quanto ao uso dos meios de comunicações. Vale ainda ressaltar que, a época da escrita desses textos é muito anterior a existência de diversos meios de comunicações atuais, a citação a seguir corrobora na interpretação dessa concepção.

Os teóricos da recepção afirmam que a leitura de um texto em um novo contexto de recepção proporciona-lhe novos sentidos; os textos, como os bens culturais em geral, não possuem, portanto, significações essenciais ou imutáveis.¹⁴¹

Assim, como os sentidos não são imutáveis, os pentecostais fazem a leitura de textos escritos antes do surgimento de muitos meios de comunicações e oferece um novo sentido ao texto, esse novo sentido dado contribui para fundamentar sua conduta. Esse novo sentido atribuído ao texto bíblico por esse grupo religioso também não esgota os sentidos possíveis do texto, outros grupos pentecostais podem dar novos sentidos e fazer interpretações em outras formas possíveis.

¹⁴¹ BENATTE, Antonio Paulo. Os pentecostais e a Bíblia no Brasil: Aproximações mediante a estética da recepção. Rever-Revista de Estudo da Religião – PUC, SP, Ano 12, Nº, 01, Jan/Jun, p. 9 – 30, 2012, p. 19.

*A observação participante evidencia que, nas comunidades pentecostais, a leitura dos textos sagrados não esgota nem pretende esgotar suas interpretações possíveis; pelo contrário, é uma leitura aberta aos sentidos potenciais dos textos.*¹⁴²

Podemos entender que, um texto bíblico no momento de sua escrita poderia ter um sentido totalmente diferente dos sentidos que estão sendo concedido em épocas pósteros. As perspectivas diversas de interpretações do texto parte do contexto de experiência atual do leitor. Um exemplo dessa fala pode ser utilizado quando, esse grupo de pentecostais empregou o texto bíblico de Salmos 25.15, quando diz: “Os meus olhos estão continuamente no SENHOR, pois ele tirará os meus pés da rede,” para então justificar esse texto como uma rejeição do sagrado quanto ao uso da rede de televisão. Esse mesmo texto interpretado em outras épocas, é conceituada a palavra rede como laço, armadilha, cilada, trama, etc. Assim podemos concordar com a citação a seguir, quando diz que,

*A história da recepção da Bíblia deve levar em conta a constatação, simples e banal, de que pessoas ou grupos diferentes podem ler os mesmos textos a partir de perspectivas muito diversas e, por isso mesmo, interpretar de diferentes maneiras os mesmos conteúdos.*¹⁴³

Outro fator que deve ser levado em consideração quando se trata dessa comunidade religiosa no quesito da recepção dos textos bíblicos é que, esse grupo por fazer parte do pentecostalismo, leva em seu histórico a defesa na

¹⁴² BENATTE, 2012, p. 18.

¹⁴³ BENATTE, 2012, p. 27.

graça do Espírito Santo como de fundamental importância para o entendimento da Bíblia. “Essa crença, na prática, relativiza o peso da formação intelectual e teológica do clero.”¹⁴⁴ Esse entendimento pode ser apontado como um fator que colaborou para diversas interpretações desses textos e, assim é possível concordar com Benatte, quando diz que, “a ênfase teológica e pragmática nos dons do Espírito Santo como graça suficiente para o entendimento das Escrituras é uma das características marcantes do pentecostalismo.”¹⁴⁵ Os líderes pentecostais assembleianos também tem feito a recepção de outros

textos para defender a proibição do uso e mal-uso da televisão. No ano de 1968, na CGADB realizada em Fortaleza/CE, o debate em torno do uso do aparelho de televisão ganhou a plenária da convenção. Durante os debates da plenária na qual os líderes posicionaram contra o uso da televisão, foi citado outro texto bíblico conforme citação a seguir, aonde relata que,

*O pastor José Eduardo Modesto pediu a palavra e, após a leitura de Salmos 101.3, contou um testemunho de uma irmã que ‘tivera uma experiência negativa com a televisão’. O pastor Enock Morgado contou as más experiências vividas em sua igreja por fiéis que possuíam o aparelho televisor e pediu ao plenário que ‘todos que possuíssem televisão se desfizessem dela’.*¹⁴⁶

¹⁴⁴ BENATTE, 2012, p. 17

¹⁴⁵ BENATTE, 2012, p. 17

¹⁴⁶ ROIZ, Diogo da Silva; FONSECA, André Dionei. As representações da igreja assembleia de deus sobre a televisão entre 1960 e 2000. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano II, n. 4, p. 185 – 205, Maringá, PR, Mai. 2009, p. 191.

O salmo atribuído por muitos como de autoria do rei Davi, foi escrito a milênios de anos e, em uma época que a televisão ainda não aparecia como meio de comunicação. Sua interpretação na época da escrita pode ser considerada como um desejo do rei em olhar somente para o que é justo. A recepção desse salmo tem levado um grupo de pentecostais assembleianos entender que, ele dá sustentação necessária para proibir o uso ou o mal-uso da televisão, assim esse salmo foi atualizado a leitura para essa comunidade de leitores dando novo sentido a ele. O fundamento que pode ser usado para explicar essa prática de utilizar textos bíblicos com fins de fazer deles uma leitura dogmática, é que, “a leitura dogmática, ou ortodoxa, visa legitimar a instituição, autorizando-a como intérprete legítima, ao mesmo tempo em que busca minimizar as ambiguidades, contradições e desvios das leituras individuais e coletivas.”¹⁴⁷

O salmo citado expressa, “não porei coisa má diante dos meus olhos, aborreço as ações daqueles que se desviam, nada se me pegará.” A recepção deste salmo por esse grupo de religiosos, tem sido feita como que, se o fiel seguidor da Bíblia não pode nem por diante dos seus olhos, quer dizer que, você não pode nem assistir, e para outros nem possuir. Interpretam também que, se não é para colocar coisa maligna nos seus olhos, ter uma televisão é ter uma coisa maligna, pois um aparelho de televisão é um difusor de cenas de violência como, violência física e violência moral, por meio dos filmes, das emissões televisivas, das notícias jornalísticas.

Como a recepção de textos bíblicos pode ter sentidos diversos, pois eles podem alterar os sentidos dependendo da comunidade de leitores, esse fato evidencia e explica a mudança de postura desse grupo religioso no

¹⁴⁷ BENATTE, 2012, p. 27.

questo do uso do aparelho de televisão, o que antes era proibido o seu uso, hoje a proibição fica restrita ao mal-uso deste. Diante disso, é de até esperar uma outra postura dessa igreja em épocas vindouras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo propôs uma pesquisa com o objetivo de entender o modo em que se estabelece a recepção de alguns textos bíblicos pelos pentecostais associados a Igreja Assembleia de Deus, usando a Estética de Recepção como referencial para a análise. A pesquisa mostrou como essa comunidade religiosa apropriou de uma forma de recepção em que, tem utilizado de textos escritos a milênios de anos e atualizado eles a conjuntura atual, aplicando assim como regra de comportamento desse grupo se portar frente ao uso dos meios de comunicação.

Os textos bíblicos usados foram dados novos sentidos na nova leitura feita por essa comunidade religiosa, mas não necessariamente esgotando todos os sentidos que os textos poderiam ter, pois cada leitor faz a leitura de um texto a partir da sua experiência atual. Esses textos futuramente podem ser lidos com novos sentidos, com leituras atualizadas e modificadas, culminando em mudanças de regras que hoje são impostas a essa comunidade de leitores.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gedeon freire de. Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a DEUS. Assembleia de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946). Dissertação de Mestrado, Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo – SP. 2000.

ARAÚJO, Arão Inocêncio Alves de. O mensageiro da paz: 1930-1990 uma história do sagrado. Revista Eletrônica – Cadernos da FAEL, Nova Iguaçu, RJ, v. 1, n. 1, p. 1 – 15, RJ, 2008.

ARAÚJO, Isael de. Acontecimentos que, marcaram a história das Assembleias de Deus no Brasil. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

BENATTE, Antonio Paulo. Os pentecostais e a Bíblia no Brasil: Aproximações mediante a estética da recepção. Rever-Revista de Estudo da Religião – PUC, SP, Ano 12, Nº, 01, Jan/Jun, p. 9 – 30, 2012.

COROBIM, Antonio Luiz. Uma análise dos usos e costumes adotados pela convenção geral das Assembleias de Deus no Brasil – CGADB. Trabalho de conclusão de curso, Faculdade Teológica Batista de São Paulo, 2008.

DANIEL, Silas. Et. al. História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil. Rio de Janeiro, CPAD, 2004.

FILHO, José Adriano. Estética da recepção e hermenêutica bíblica. In: NOGUEIRA, P.

A. S. (Org.). Linguagens da religião: desafios, métodos e conceitos centrais. São Paulo: Paulinas, ANPTECRE, 2012, pp. 165-190.

FONSECA, André Dioneu. “É lícito pregarmos o evangelho pelo rádio?”: Os debates sobre o radioevangelismo nas Convenções Gerais das Assembleias de Deus no Brasil. Universidade Federal da Grande Dourados, MS. 2009.

História da internet no Brasil. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_Internet_no_Brasil>Acesso em: 12 jan. 2018.

OLIVEIRA, David Mesquiati de. A leitura bíblica dos pentecostais e a noção performance. Rever-Revista de Estudo da Religião – PUC, SP, Ano 17, Nº, 02, mai/ago, p. 119 – 140, 2017.

ROIZ, Diogo da Silva; FONSECA, André Dioneu. As representações da igreja assembleia de deus sobre a televisão entre 1960 e 2000. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano II, n. 4, p. 185 – 205, Maringá, PR, mai, 2009.